

As mudanças sociais, a relação família- escola e o processo educativo do estudante

The social changes, family- school relationship and the educational process of student

Arnaldo Nogaro

URI

narnaldo@uri.com.br

Franciele Fátima Marques

URI

francielemarques@uricer.edu.br

Bruna Kátia Samoyedem

URI

bruna_samoyedem@hotmail.com

Resumo

Perante as inúmeras mudanças sociais que o mundo enfrenta em todos os âmbitos da sociedade, surge a necessidade de uma reflexão acerca das influências de tais mudanças na relação família e escola e, portando, na educação. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo abordar aspectos acerca das transformações da sociedade atual e seus novos significados. Com o suporte de escritos de autores como Bauman, Giddens, Touraine, Targino, Rossato, dentre outros, procura-se compreender as mudanças e desafios dos novos tempos e sua correlação ou possíveis consequência nas relações família-escola e, por decorrência na educação. A metodologia que deu origem a presente pesquisa consiste em uma reflexão bibliográfica, fundamentada no diálogo, interpretação e argumentação dos autores com fichamento de cada obra, ressaltando os pontos principais e de relevância para fundamentação do tema. A hipótese do trabalho é de que as transformações sociais incidem em mudanças na constituição familiar e na relação desta com a escola, geram variáveis que se constituem em obstáculos e dificuldades na aprendizagem escolar. As considerações finais apontam na perspectiva de que cada vez mais as categorias do diálogo, da relação familiar equilibrada, da participação efetiva e das práticas colaborativas entre família e escola são exigências da educação nas sociedades pós-modernas.

Palavras-chave: Sociedade. Modernidade. Pós-modernidade. Relação família e escola. Educação.

Abstract

Given the many social changes facing the world in all areas of society, the need arises for a reflection about the influence of such changes in the relationship family and school and, bearing in education. Thus, this article aims to address issues regarding the changes of today's society, with a view to understanding these changes, as well as their new meanings, paradigm shifts and the challenges of the new times, to try to understand and analyze whether these changes They occur influence and change in society and the family relation school and thus education. The methodology that gave rise to this study consists of a bibliographic reflection, based on dialogue, interpretation and argumentation in the authors of each work, highlighting the main points and relevance to theme basis. The hypothesis of the study is that social change and consequently, changes in family formation and the relationship of this with the school, they generate numerous consequences and difficulties in school learning. The considerations point in this perspective as more and more categories of dialogue, family relationship, the effective participation and collaborative practice between family and school are requirements of education in post-modern societies.

Keywords: Society. Postmodernity. Transformations. Regarding family and school. Education.

I ntrodução

Em tempos de sociedade “pós-moderna”, onde os referenciais ou tudo que era sólido e concreto é derretido e vão-se dando novos moldes e sentidos, surge também um novo contexto, onde as transformações são cada vez mais rápidas, dinâmicas, profundas e as identidades concretas, fixas e previsíveis são descartadas, dando lugar ao momentâneo e ao fugaz, àquilo que é útil ao momento vivido, ao presente.

Nestes contextos de imprevisíveis transformações, de novidades e de riscos que permeiam a vida, os desafios da educação aparecem estampados diariamente, seja na web, nos noticiários, nas redes sociais, nos livros, seja nas preocupações diárias dos professores, no cotidiano escolar, onde, como resultado se produz a “desreferencialização” da educação (KUH N, 2011). Neste sentido, como refere o autor citado (2011), é relevante pensar a educação em tempos de fluidez, pois estão em jogo o indivíduo, o cidadão e a sociedade da qual fazemos parte.

Sabendo-se, portanto, que estas transformações interferem significativamente no processo educativo, o artigo em pauta reflete acerca das mudanças que ocorrem na sociedade do presente e seu impacto nas relações família-escola. Assim sendo, apresenta-se como problemática central desta escrita, o questionamento: as mudanças sociais que ocorrem na atualidade influenciam na relação família-escola e, conseqüentemente, no processo de ensino-aprendizagem do estudante?

Na busca por respostas ao questionamento proposto, estruturamos o texto de forma a abordar inicialmente os desafios e transformações da sociedade em curso. Faz-se um resgate acerca das principais conseqüências das transformações sociais a partir de dois autores principais: Bauman e Giddens. Num segundo momento tratamos das relações sociais na sociedade atual: conceitos e delimitações. Procuramos apresentar os desafios sociais que estas transformações impõem para as duas maiores e, talvez, mais importantes, instituições no desenvolvimento social, a família e a escola. Por fim investigamos a relação família-escola observando as novas constituições e estruturação que elas apresentam frente ao novo paradigma societário, apontando os papéis constituídos e a interferência no processo educativo.

A sociedadeⁱ do presente: desafios e transformações

Instaura-se uma outra época, diferente das estruturadas em períodos anteriores. Emergem novos contextos, cenários e conceitos, frutos de uma série de acontecimentos que impulsionaram transformações, impedindo que se possa continuar a pensar e agir com os mesmos marcos e conceitos do passado. Uma nova história se molda, como relata Beck et al. (1997, p. 73), uma nova agenda social se forma.

Atualmente, nas ciências sociais, assim como no próprio mundo social, estamos diante de uma nova agenda. Vivemos, como todos sabem, em uma época de finalizações. Antes de tudo, há um final não somente de um século, mas de um milênio: algo que não tem conteúdo, e que é totalmente arbitrário- uma data em um calendário-, tem tal poder de retificação que nos mantém escravizados.

Desta maneira deparamo-nos com inúmeras inquietações, sejam elas profissionais, culturais ou de convívio social. O mundo muda numa velocidade jamais vista e juntamente com isso alteram-se os conceitos e valores.

Os argumentos de que estamos entrando em uma nova era procedem de diferentes direções. Vários termos são utilizados, por inúmeros e diferentes autores, para caracterizar ou nomear este cenário de mudanças, como descreve Muhl (2014, p. 01-02).

Estas transformações são indicadas, sociologicamente, por diferentes terminologias, como sociedade de risco (U. Beck), capitalismo tardio (J. Habermas), sociedade plural (J. Rawls), modernidade reflexiva (A. Giddens), modernidade líquida (Bauman), sociedade invisível (Innerarity), sociedade tecnológica (P. Lévy), sociedade hipermoderna (G. Lipovetsky), sociedade do individualismo e da tirania da aparência (R. Sennett), sociedade do novo espírito do capitalismo (Boltanski&Chiapello), dentre outras.

Os termos não apresentam consenso dentro da sociologia, visto que, são vários e utilizados por diferentes autores para caracterizar o momento vivido pela sociedade. Portanto, cabe precisar alguns conceitos para maior clareza de nosso entendimento e para situar de onde e do que estamos falandoⁱⁱ.

A época em que vivemos, chamada por alguns de pós-modernidade, é vista pela maioria dos autores nacionais e internacionais, como a época das incertezas, das fragmentações, das desconstruções, do vazio, da substituição da ética pela estética, do consumo de sensações. Enfim, uma época de transição, de transformação, onde o projeto da modernidade parece ter se cumprido em excesso ou ser insuficiente para propor

soluções aos problemas que assolam a humanidade. A pós-modernidade suscita a ideia de superação da modernidade, que, por um esgotamento de alternativas, projetos e valores, não teria conseguido manter o núcleo das representações de seu momento histórico.

As mudanças, as inovações, o crescimento da tecnologia, são fatores que impulsionam esta nova era, ou como Beck et al. (1997) nomeia, o *fin de siècle*, que possui como significado a desincorporação de um modelo para a reincorporação de outro, que carrega em si certa ambiguidade, entre o fim de um período, de um velho modelo social (modernidade) e o emergir um novo modelo social (pós-modernidade).

Convém refletir que, ao se falar em marcos de fim de épocas logo pensamos em revoluções sociais oriundas de questões ou disputas políticas e econômicas entre estados-nações. Não se está tratando aqui de mudanças por meio de guerras ou conflitos, mas daquelas resultantes de uma sociedade industrial que com seus progressos provoca a radicalização da modernidade, onde tudo o que era sólido vai dissolvendo-se nas entranhas da atualidade e abrindo caminhos para outro redesenho da sociedade, ou como anuncia Beck et al. (1997), “[...] não haverá uma revolução, mas a reconfiguração de uma nova sociedade”. Desta maneira percebe-se a quebra de paradigmasⁱⁱⁱ, onde as mudanças acontecem não por revoltas sociais e nem por questões políticas, mas pelo crescimento e dinamismo da modernidade.

Compreende-se que a crise da tradição e da modernidade abrem espaço para a pós-modernidade ou modernidade reflexiva. Ao contrário da modernidade industrial e racional, na modernidade reflexiva, a estética, a sensibilidade, as emoções e sentimentos dos indivíduos ganham espaço nas práticas cotidianas. Em contrapartida também se observa que esta sociedade industrial está desaparecendo e sendo substituída por uma sociedade de risco, e a gestão do risco é o enfoque principal desta sociedade que emerge.

As mudanças da sociedade atual entrelaçam-se com o fim das concepções tradicionais da metafísica, o que tem colocado em cheque algumas concepções caras à educação: o indivíduo como sujeito autônomo, a emancipação como processo histórico, a evolução linear da sociedade para a democracia, o desenvolvimento cultural através da apropriação da tradição e de seu aperfeiçoamento, a crença nas ciências como meio de assegurar um futuro de abundância e de recursos adequados ao planejamento do futuro, incluindo o controle sobre riscos naturais e socioculturais (MUHL, 2014, p.02).

Por este motivo, o conceito de sociedade de risco cruza diretamente com o de globalização e influencia diretamente a todos os setores, incluindo-se a educação. Nestas condições, ao mesmo tempo em que essa nova configuração da sociedade traz inovação,

traz também a impossibilidade de prever o perigo que nela circula, ou seja, que afeta nações e classes sociais sem respeitar fronteiras de nenhum tipo.

Nas palavras de Beck et al. (1997) uma nova forma de capitalismo, uma nova forma de economia, uma nova forma de ordem global, uma nova forma de sociedade e uma nova forma de vida pessoal. Neste contexto a modernidade tornou-se experimental e estamos presos a uma grande experiência fora de nosso controle, em uma aventura perigosa que todos somos obrigados a participar.

Deve-se destacar que essa modernidade reflexiva não é algo planejado ou arquitetado, a mesma acontece silenciosamente, sorrateira, é um processo de inovação autônoma, e desenvolve em si a sociedade de risco, onde padrões são contestados aos poucos para que assim se obtenha a quebra de paradigma e imersão, constatação de uma nova forma de ver, pensar e agir da sociedade.

A sociedade pós-tradicional é um ponto final, mas também o início de uma nova experiência de sociedade de espaço indefinido, onde os elos sociais devem ser construídos e não herdados, em uma jornada tão difícil quanto promissora de grandes recompensas. É, portanto, a primeira sociedade global. Em razão do rápido avanço das comunicações eletrônicas e dos transportes nas últimas décadas, os padrões do tradicionalismo se tornam invadidos, em um mundo onde agora ninguém mais é forasteiro. A tradição, nesse passo, somente persiste na medida em que se tornam passíveis de justificativas, e auxiliam, criam formas alternativas de fazer as coisas na sociedade pré-moderna. O passado não pode ser apagado, mas reconstruído (GIDDENS et al., 1997).

De fato, o rompimento, ainda que parcial, da ordem tradicional, ao mesmo tempo em que promove certa autonomia pessoal, retira também a sensação de firmeza das coisas, podendo constituir-se em grande fonte de ansiedade para o indivíduo, ou seja, as certezas que obtinha, os padrões que seguia, os moldes que regiam a vida em sociedade, não são mais válidos para o novo modelo social, tendo assim que encontrar outros meios, adaptar-se à nova realidade, desincorporar e reincorporar suas “tradições” no novo modelo que emerge (GIDDENS et al., 1997).

As influências do mundo globalizado interferem na vida humana, na vida em sociedade e principalmente em nosso cotidiano, desde o consumir até o relacionar-se. A reflexividade da modernidade, considerada pelo autor uma das maiores influências sobre o dinamismo das instituições modernas, permite vislumbrar de que forma a modernidade, fenômeno global de longo alcance, altera a natureza da vida social cotidiana. Nas condições da alta modernidade, sensações de inquietude e ansiedade podem se infiltrar na

experiência cotidiana dos indivíduos, pois identidade torna-se frágil diante das intensas e extensas mudanças que a modernização provoca (GIDDENS et al., 1997).

Esta nova configuração da sociedade, traz consigo muitas invenções, qualificações, consequentemente gera grande turbulência, riscos, perigos, mudanças radicais, crises e dificuldades, que culminam em mal-estar.

É preciso, portanto, para não desaparecer nas areias movediças da sociedade de massa, que agora o homem moderno volte a si, inventor não apenas do movimento, mas da distância de si mesmo, não somente do progresso como também da liberdade. E sobre essas interrogações e sobre esta volta a si que termina um século em que os homens se empenharam tão completamente no totalitarismo, na guerra, na sociedade de massa, como estavam durante muito tempo em uma noite onde as únicas luzes vinham das estrelas, sinais da ordem do mundo e das intenções de Deus (TOURAINÉ, 1994, p.111).

Beck et al. (1997) e Touraine (1994), compreendem que, o progresso pode se transformar em autodestruição, onde um tipo de modernização destrói o outro e o modifica. Portanto, se está diante da possibilidade de se reinventar, ou repensar a civilização industrial, ao se sugerir uma (auto) destruição criativa.

Mas por que sociedade de risco? Porque mal-estar da pós-modernidade? Pelo fato de que nada hoje é certo, que almejamos o melhoramento e qualificação do mundo em geral, mas sofremos consequências de um mundo moderno, onde não há mais padrões a seguir, nem um modelo a ser adotado ou uma base segura para viver esta nova era. A sociedade moderna parece tentar se libertar do passado, da tradição, para inaugurar algo novo, diferente e avançado. Como as mudanças são constantes, a modernidade não consegue dar conta de explicar a diversidade de comportamentos sociais.

Segundo Bauman (2001), a modernidade é a época em que a vida social passa a ter como centro a postura egocêntrica, fase marcada por uma expansiva autonomia do homem em relação à vida social. O homem pós-moderno suprime as categorias e os ideais presentes durante a modernidade e funde-se em uma espécie de crise quando se entrega ao presente vivido, ao prazer, ao consumo, ao imediatismo e ao individualismo.

O homem moderno, nega toda ligação de subordinação com as instituições sociais, abdicando assim das crenças, regras e valores impostos por elas, guiando-se por sua visão pessoal. No entanto, mesmo que não se perceba, essa liberdade de pensamento continua guiada por normas e regras, num domínio que agora se dá de forma mais indireta, através da televisão, internet, redes sociais, na forma de vestir, falar e se comportar socialmente. As incertezas da experiência cotidiana são monitoradas e controladas por sistemas especializados (capitalismo), como mecanismos a serviço da redução da ansiedade e dos

sentimentos de insegurança. A reflexividade funciona como um mecanismo de confiança que orienta comportamentos, valores e escolhas (BECK et al., 1997).

Refletir sobre o contexto social atual traz grandes inquietações. Ao perceber que se está inserido em um mundo que sofre constantes mudanças, torna-se mais complexo pensar, decidir, fazer escolhas, o que, de certo modo, provoca um desordenamento de conceitos.

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas de convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização, a opressiva e inerradicável, insaciável se de destruição criativa (ou de criatividade destruída, se for o caso: de “limpar o lugar” em nome de um “novo aperfeiçoamento” projeto; de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, “reunir” ou “reduzir”, tudo isso em nome de maior capacidade de fazer o mesmo futuro em nome da produtividade ou da competitividade) (BAUMAN, 2001, p.36).

Bauman (2001), para explicar o sentido do pós-modernismo e orientar-nos nesta nova sociedade que influencia gradativamente nosso modo de viver e ver mundo utiliza-se da metáfora da liquidez. Se na modernidade sólida seguiam-se padrões vistos como base e certeza de uma vida futura, que se planejava em longo prazo, já hoje, tudo flui de um jeito extremamente rápido, de uma forma que faz com que aquilo que era o certo ontem, hoje já não faça mais sentido e não é mais válido para a sociedade. Dessa maneira ocorre a transição para o capitalismo leve, marcado agora pelo desengajamento e enfraquecimento dos laços que prenderam capital e trabalho e, segundo Bauman (2001, p.177), ocupam-se

[...] com formas mais soltas de organização que possam ser formadas, desmanteladas e repostas a curto prazo ou mesmo sem aviso prévio; é essa forma fluida de montagem que se adapta à sua visão de mundo circundante como múltiplo, complexo e rápido, e portanto, “ambíguo”, “difuso”, e “plástico”, incerto, paradoxal, caótico mesmo.

Quanto mais fluido, mais leve e menos sólido e firme, muito melhor. O que se compreende é que o capitalismo atual não é de máquinas e mão de obra, que garante a certeza, mas é de sabedoria, de conhecimento, produzindo uma era da estabilidade relativa. Como afirma Bauman (2001), é a mentalidade de “curto prazo”, que substitui a de “longo prazo”. Não são apenas ideologias de conceitos tidos como certos que foram diluídos, mas também costumes e estilos de vida. Sem dúvida houve a dissolução dos

pontos de referência e estabilidade característicos da modernidade sólida que asseguravam certo direcionamento para a construção individual da vida.

Os tempos são “líquidos” porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser “sólido”. As relações (pessoais, trabalho, e em comunidade, em conjunto) sociais não são mais estáveis, concretas duráveis. Com a globalização e a abertura social, por ser incompleta, tornou-se uma “sociedade impotente como nunca antes”, tem dificuldade em decidir com certeza o caminho a seguir (BAUMAN, 2007, p.13).

Modernidade líquida quer dizer a incapacidade de manter a forma. As relações, trabalhos, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes mesmo que tenham tempo de se solidificar. Dentre tantas transformações há sim benefícios, mas não se pode esquecer que há malefícios também. Percebe-se que nesta vida líquida, as “relações são de bolso”, instantâneas e de curta duração, os valores sociais são tomados pelo individualismo exacerbado, sendo que também passam a ser materializados, mercadológicos, e influenciam também abruptamente no contexto familiar, fazendo com que as relações no seu interior também sejam líquidas.

A “vida líquida” é uma forma de vida que tende a ser levada a frente numa sociedade líquido-moderna. “Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo (BAUMAN, 2007, p.07).

Molda-se assim uma modernidade cada vez mais individualizada e privatizada, de onde advém a dependência por uma liberdade consumidora que proporciona aos indivíduos líquidos o sonho de uma vida feliz que nunca chegará. Nesse contexto, as vidas humanas são transformadas em objetos de consumo. O ser humano deixa de ser sujeito e passa a ser objeto na relação de compra e venda, pois, em uma sociedade incerta, o consumo aparece como resposta à satisfação das ansiedades dos indivíduos.

Nesse contexto de mudanças e novas ordens, encontram-se a escola e a família, duas instituições que são os pilares sociais mais importantes na formação de sujeitos e agentes sociais. Ambas se alteram e se moldam conforme a nova ordem social, sofrendo com a perda de “referência e tradição”. Rossato e Henz (2007) relatam que a educação é profundamente afetada, quando as funções tradicionais desaparecem e o próprio núcleo é atingido.

A modernidade líquida atingiu as famílias, os indivíduos e foi derretendo o tradicional e moldando novos padrões. A escola, por sua vez, passa também a modificar-se e adaptar-se, sucumbindo a essa nova realidade. Deste modo, a educação que é um dos fatores mais importantes na formação de indivíduos críticos e reflexivos para posicionarem-se perante esta sociedade resignada aos poderes esmagadores do mercado, vai cedendo terreno, moldando-se, assim como descreve Cabreira (2013, p. 907).

A educação líquida pode ser definida como aquela típica deste período de sociedade de consumo, posicionando-se de modo resistente, ou não, às novas qualidades e imposições trazidas pela modernidade líquida à sociedade contemporânea como, por exemplo, a ligação dos sistemas educacionais com as “exigências econômicas de construção do mercado”.

A partir dos conceitos que o autor apresenta, pode-se interpretar que as mudanças ocorridas na sociedade, não se reduzem ao aspecto econômico, tecnológico ou mercadológico. As mudanças ocorrem, sobretudo, no que concerne à vida social, aos relacionamentos afetivos, intersubjetivos e culturais. O “desnorteamto” instalado pela pós-modernidade trouxe consigo a perda de pontos de referência que eram válidos e que sustentavam fortemente as relações sociais, a família nuclear e a função da escola. Como afirmam Rossato e Henz (2007), assim como no passado se desmontou um modelo social ou de nação, também se desmontou um modelo familiar.

O mundo vive em contínuo movimento, que por sua vez, forma e molda um novo modelo cultural. Este é o novo estilo de vida, uma vida complexa e plural, que não nos dá segurança, pois muda constantemente, vive-se o tempo presente sem assimilações com passado ou futuro, é tudo momentâneo e excessivamente mercadológico. Assim, alguns questionamentos tornam-se recorrentes. Será que é possível haver relações sólidas em um contexto líquido? Sonhar em longo prazo? Constituir uma família estável? Almejar um futuro e uma vida feliz? Falar em uma vida completa, perfeita e de fato livre?

A modernidade líquida está se transformando num mundo onde as pessoas se fecham em si mesmas, buscam o máximo proveito possível e distanciam-se cada vez mais dos outros, o que afeta segundo Bauman (2001, p.170),

[...] a possibilidade de amar o outro, o ser humano vem se tornando individualista, classificatório onde não possui mais uma identidade própria, mas uma que vá se adaptar aos padrões sociais, classificada e atribuída, como afirmou ainda o autor, a incerteza do presente é uma poderosa força individualizadora. Ela divide em vez de unir.

Deste modo está emergindo uma sociedade do individualismo, comentado por Beck et al. (1997). Essa individualização significa a desintegração das certezas da sociedade industrial, assim como a compulsão para encontrar e inventar novas certezas para si e para os outros que não a possuem. Há um crescimento exacerbado da individualização da existência e um enfraquecimento dos valores coletivos, como bem preceitua Bauman (2001, p.156).

Vivemos num mundo de flexibilidade universal [...], que penetra todos os aspectos da vida individual-tanto as fontes da sobrevivência quanto as parceiras do amor e do interesse comum, os parâmetros da identidade profissional e da cultura, os modelos de apresentação do eu em público e os padrões de saúde e aptidão, valores a serem perseguidos e o modo de persegui-lo.

Num mundo instável, numa sociedade de risco como apontada por Beck et al. (1997) ou numa modernidade líquida como nomeada por Bauman (2001), as identidades também se tornam instáveis. Tudo aquilo que “cheira velho” é destinado a ficar para trás e cria-se um novo modelo que se encaixe ao recipiente atual. Como os riscos emergem simultaneamente com as decisões e opiniões formuladas no meio social, os indivíduos que fazem parte deste contexto estão sempre se autoconfrontando com estes riscos, desse modo os mecanismos de sua reflexividade entram em ação, ou seja, procuram recursos para enfrentar eticamente as ameaças que emergem cotidianamente na vida social.

Todos esses aspectos trazem consigo uma profunda simbiose com o mercado. O consumismo, o mercado, segundo Bauman (2001), não diz mais respeito somente à satisfação das necessidades do consumir, mas ao desejo de possuir e encontrar na compra a libertação, a aceitação. O consumismo hoje não é só um bem material a se adquirir, mas a busca por padrões e modelos de vida a serem seguidos, com seus bens e serviços, associam-se no processo de provimento de sentimentos de segurança, conforto e defesa contra as ameaças da vida urbana. Os bens do mercado são uma versão prática de conhecimentos científicos aplicados a produtos, legitimados por estes em termos de eficácia e necessidade.

O ser humano atual é um “produto” do que acontece na modernidade líquida. Flexível e programado para o consumo, vive em uma sociedade do “labirinto”. Nas palavras de Bauman (2001, p. 160),

[...] a vida é uma sequência de episódios - cada um a ser calculado em separado, pois cada um tem seu próprio balanço de perdas e ganhos. Os caminhos da vida não se tornam mais retos por serem trilhados, e virar uma esquina não é garantia de que os rumos corretos serão seguidos no futuro.

Este indivíduo se vê em meio a uma sociedade na qual ninguém mais possui identidade, gosto próprio, mas sim se torna pertencente a um grupo homônimo, único, sem personalidade. A educação é a prova viva das mudanças do sólido para o líquido, do concreto para um produto de consumo, seus valores também passam a ser mercadológicos e vistos como um produto. Bauman (2001), descreve que “[...] o conhecimento tinha valor, porque se esperava que ele durasse, e a educação tinha valor na medida em que oferecia este conhecimento de valor duradouro”. Porém com o passar do tempo, vivendo hoje uma sociedade do consumo, que visa a satisfação momentânea, a alegria de “livrar-se de”, de descartar e de jogar fora é a verdadeira paixão do nosso mundo. A educação também passa a ser vista assim, visa não a aquisição de conhecimentos e valores perenes, mas o gozo fugaz que as coisas propiciam.

O conhecimento, como algo duradouro e perene, conforme a modernidade defendia, hoje serve apenas para uso imediato e único, como destaca Kuhn (2011, p.49).

Diferente da modernidade, onde a escola transmitia um saber que podia ser mantido, uma vez que as mudanças eram relativamente mais lentas do que hoje. No contexto da modernidade tardia, a necessidade do constante aprender e do estar em formação se impõem como uma exigência. Os conhecimentos tradicionais, rígidos, monoculturais se tornam obsoletos em contexto de rápidas e profundas transformações na sociedade.

As mudanças do período sólido para o líquido são mudanças em todos os âmbitos, que alteram a sociedade como um todo. As relações humanas também se encontram sob os efeitos das contingências do mundo, que se renova constantemente por não poder oferecer garantias eternas. Na era da fluidez vivida, abandona-se os punhos de ferro da modernidade sólida, para obter-se o “eu” de aço, para suportar tantas influências e mudanças que a pós-modernidade impõe, da mesma maneira que o próprio funcionamento da sociedade parece não deixar mais opções para além dessa lógica. É neste sentido que a educação passa a ter papel fundamental para o entendimento do atual contexto, bem como, para a inserção de novos saberes que auxiliam os sujeitos a viverem no presente complexo e plural.

Neste sentido, é papel da escola não apenas garantir o acesso à educação a todos os sujeitos, mas derrubar as barreiras da estruturação atualmente predominante e possibilitar o desenvolvimento da emancipação em cada indivíduo em um mundo que parece dirigido heteronomamente, contra os pressupostos da democracia, impondo um desafio ainda maior às relações que são estabelecidas dentro do processo educativo.

As relações sociais na sociedade atual: conceitos e delimitações

Transformar significa mudar papéis, atualizar, ressignificar, alterar, dar novo sentido, nova visão. E claramente isto tem acontecido com a família, pois como relata Costa (2009, p. 360), “[...] a família é teatro de múltiplas mudanças que foram constatadas a partir de dados de naturezas diferentes”.

A família é vista como a célula da sociedade, considerada a primeira responsável pela formação do indivíduo. É na família que se aprendem os valores, o relacionamento com os outros e com o mundo, é onde acontece a base principal da formação do ser humano. Petrini et al. (2012, p.01), destaca que fica

[...] evidente o papel central da família em processos humanos, como a formação dos vínculos afetivos com os pais (filiação), com irmãos (fraternidade), avós e tios, cônjuges, etc., os quais possuem grande repercussão para o desenvolvimento da personalidade. Além disso, as mudanças e transições mais importantes do ciclo da vida da pessoa são processos relativos ao contexto familiar, como é o caso do casamento, da maternidade, da paternidade, do envelhecimento, assim como das experiências do nascimento e morte.

O primeiro grupo social do qual o ser humano faz parte é a família. Por meio dela se desenvolvem os aspectos mais importantes que norteiam a formação da personalidade, de conceitos e de valores essenciais para o convívio em sociedade. O que constitui a família são os laços afetivos e os vínculos estabelecidos entre seus componentes e, principalmente, onde se desenvolvem as primeiras experiências de socialização. Costa (2009, p.358), reitera que, quando nos referimos à família queremos, por vezes fazer referência a grupos sociais estruturados de relações de afinidade “[...] família quer dizer também um conjunto de regras, padrões e modelos culturais [...], passíveis de mudanças, não podendo ser consideradas uma síntese da sociedade inteira”.

Compreendendo-se a função do papel familiar, sua formação e importância, Gomes (2011, p.102), relata que a família, por fazer parte das mudanças e da estruturação da sociedade não fica imune o que nela ocorre.

Contudo, a família será a primeira instância que lhe transmitirá valores e ensinamentos sobre questões de papéis, formação pessoal, moralidade e conceitos de mundo, ensinando as maneiras de se portar diante das dificuldades entre outras situações, que depositará a família como referência para os indivíduos em sua formação pessoal e social.

Faz-se necessário, neste sentido, compreender primeiramente que o contexto da instituição familiar sofre os impactos dos processos e mudanças que ocorrem na sociedade. A família contemporânea é o produto dessas mudanças. Se as pessoas, os valores, as certezas, as tradições, são modificadas e reestruturadas, quer nos dizer que o núcleo, as pessoas que formam a família, também possuirão visões, conceitos e seguirão padrões de uma nova sociedade, sendo agora a sociedade do consumo, do individualismo, que interfere no papel familiar.

Não há uma única definição familiar, estática, visto que se trata de uma instituição de transformações históricas. Todavia, essa forma de pensar implica em ressignificar a representação familiar em termos de organização e estrutura, tornando referência a família nuclear, embasado na diversidade. (GOMES, 2011, p.107).

Destaca-se como fator importante de uma das grandes mudanças oriundas da sociedade, a nova configuração de núcleo familiar que se multiplicou e, no lugar do clássico modelo homem e mulher que se casavam, ficavam juntos até que a morte os separasse e tinha filhos como fruto desse amor e fidelidade, começa a surgir outras formas de agrupamento familiar, com o advento do divórcio, dos (re) casamentos e das uniões homossexuais.

Facilmente se presume que as relações parecem tornar-se líquidas, que se desgastam e se desfazem sem mesmo antes construírem-se, como um fenômeno que parece morrer mesmo antes de nascer. Quando o outro não preenche os vazios que inquietam os indivíduos, ele torna-se produto descartável e, sendo assim, as relações não se sustentam mais de vínculos, de viver e crescer um com o outro, mas as pessoas parecem ter chegado a um estágio de relações descartáveis.

Verifica-se, com isso, que no âmbito dessa família estão se constituindo novas relações, com o relaxamento do comportamento dos cônjuges, o deslocamento da importância do grupo familiar para a importância de seus membros, a ideia de que o “amor” constitui uma condição para permanência da conjugalidade e a substituição de uma educação conservadora, modeladora e corretiva das crianças, por uma prática pedagógica da negociação (LINO, 2009, p.04).

É nessa sociedade líquida, em que tudo é solúvel, adequável, moldável e evapora facilmente, que se tem uma grande fragilidade nas relações afetivas, tomando forma uma vida líquida, o que no entender de Bauman (2007, p.07), “[...] é uma vida precária, vivida em condições de incertezas constantes, [...] é uma sucessão de reinícios”. E ainda enfatiza

que a instrução de que mais necessitam os praticantes da vida líquido-moderna, não é como começar ou abrir, mas como encerrar ou fechar.

Essas e outras mudanças, aliadas a características sociais tais como o individualismo, o consumismo, a busca permanente da felicidade imediata têm transformado radicalmente as relações entre pais e filhos e, portanto, a educação e a formação. Petrini et al. (2012, p.02), colocou que a família, parte integrante da sociedade, faz parte destas mudanças.

A família participa dos dinamismos próprios das relações sociais e sofre influências do contexto social, político, econômico e cultural na qual está inserida. A perda de validade de valores e modelos da tradição e a incerteza a respeito das novas propostas que se apresentam, desafiam a família a conviver com certa fluidez e abrem um leque de possibilidades que valorizam a criatividade numa dinâmica do tipo tentativa de acerto/erro.

Fica claro que o resultado das mudanças que ocorrem na sociedade influencia o contexto familiar e com toda essa flexibilidade as relações tornam-se mais instáveis e, surgem novos arranjos familiares.

Como a família passa por estágios, a família na contemporaneidade assume papéis mais flexíveis, seja na questão do amor, religião. Cultura, papéis sociais, relacionados a sociedade atual como fatores econômicos, sociais entre outro. Podemos citar além do chamado familiar composto por pai, mãe e filhos, alguns arranjos familiares: Família ampliada, Família monoparental, Família reconstituída, Família homoparental entre outros (SANTANA et al., 2010, p.02)

Neste sentido, Costa (2009), pontua que “[...] a contemporaneidade se encontra em meio ao desafio de redefinir os fundamentos da família”, pois foram tantas as transformações e as diversas configurações que permeiam a família, o que fez com que os sujeitos que integram a mesma se vejam em um contexto amplo, sem uma referência concreta, mas isto não os desobriga de ter que desenvolver o seu próprio modo de construção de uma família.

Em suma, identifica-se que a dinâmica social juntamente com as transformações nas relações que envolvem o ser humano e o seu entorno trazem elementos que desencadearam toda essa perda de referência e novas configurações familiares.

Diminuição do número de casamento, aumento da coabitação, mais divórcios, maior expressividade das famílias monoparentais, mais famílias recompostas [...], a socialização é agora o produto das trocas entre os autores e a individualização dos laços familiares (COSTA, 2009, p.365).

Partindo dos pressupostos supracitados de uma nova constituição familiar que influencia significativamente nas relações estabelecidas entre estas, bem como, nas relações que acontecem no contexto social, Gomes et al. (2011, p.101), também afirma que

[...] as tendências globais refletem significativas mudanças no contexto familiar, a exemplo disso, percebemos que as famílias tendem a serem menores, [...] as famílias ficam menos tempo juntas, ou seja, houve um aumento nos membros das famílias que passam a trabalhar [...] as crianças passam mais tempo em creches, nas escolas, diminuindo o contato entre adulto e crianças e assim ocorre maior interação entre com grupos de amigos do que com a própria família.

Nota-se assim que a função de cada um dos integrantes do núcleo familiar também se transforma. Se antes o homem era o único responsável pelo sustento familiar e a mulher pela organização doméstica e educação dos filhos, hoje tais funções são compartilhadas. As famílias de hoje além de tomar novas configurações também atraem sobre si um novo olhar. Para Okada (2014, p. 12) as “[...] novas configurações familiares têm sido vistas como desorganizadas ou desestruturadas, havendo ainda aqueles que acreditam que elas sejam o motivo do aumento considerável das psicopatologias, como o mau desempenho escolar tão evidenciado atualmente”. Encontra-se em alguns casos a inversão de tudo que até então conhecíamos, de valores e de funções dentro de uma nova constituição familiar que não tem necessariamente o pai como o chefe de família e provedor do sustento da casa. Petrini et al. (2012, p.06), destacam que, as “[...] relações entre pais e filhos ganham respeito e flexibilidade, deixam os modelos centrado na autoridade e na disciplina, enquanto são incorporados os valores de diálogo, negociação, tolerância, no horizonte de um amplo pluralismo ético religioso”.

O modelo tradicional de pai como chefe e de filho que obedece e segue regras, é substituído pelo diálogo e negociação entre pais e filhos. Não somente a sociedade torna-se flexível e sem referencial, mas o papel familiar também.

Como todo esse aparato de diversidades, o amor, o afeto, enfim, os sentimentos passam a ser também um desafio tendo em vista que aprender a respeitar e a entender as diferenças, aprender a educar os filhos, dentro de suas limitações e dificuldades é algo que exige um esforço cada vez maior por parte de todos os membros da família contemporânea. Por tudo isso os novos arranjos familiares trazem consigo novos processos de adaptação (LINO, 2009, p.04).

Como pontos relevantes das transformações do núcleo familiar e que influenciam na relação da família com os estudantes, está o deslocamento da autoridade. Atualmente há

uma relação mais harmônica, de diálogo, os pais por terem experiências de uma infância vivida sob a postura autoritária, impositiva dos pais, desejam “ser” e agir diferente agora como genitores. Tendem a dizer menos “nãos” e adquirir bens, “dar” aos filhos o que não tiveram, trocando o amor familiar, a atenção, o carinho e a educação, pelo ato mercadológico. Tomando como referência esta realidade, Lino (2009), complementa afirmando que “[...] é possível dizer que no mundo contemporâneo a família passou a se constituir sob a ótica do mercado e do consumo”.

As famílias acreditam que sua falta de tempo com a criança pode ser preenchida com a compra de brinquedos, dando o que a criança deseja, fazendo suas vontades e, deixando em segundo plano, a educação, o cuidado e a proteção. A rotina imposta pela sociedade do consumo e do trabalho, do pensar somente em si, leva os pais a conviver pouco com seus filhos, sem o tempo para aprenderem a “ser”. Esta forma de criar os filhos impulsionada somente para o “ter” faz com que se encontrem desorientados e não desenvolvem o seu real papel de exemplo, de formação da conduta e personalidade, como constata Steigenberg (2007, p.14).

Pais sem saber como orientar seus filhos na inserção de valores como o respeito, solidariedade, agradecimento e no estabelecimento de limites para os mesmos. Crianças e adolescentes com inversão de valores, onde o mundo consumista passa a ocupar mais espaço sobrando pouco para a afetividade e compreensão, refletindo nas atitudes de desrespeito e descaso dispensados por alunos e filhos.

Os pais abrem mão, por muitas vezes, de seu papel de educador, esquecem que são os modelos morais para seus filhos. Pouco conversam e quando o fazem esta passa a ser punitiva e não reflexiva. Não procuram soluções para os problemas. Os incentivos e apoios tornam-se o comprar, o presentear e não mais o diálogo, a reflexão, o carinho e o afeto. Isso acarreta consequências sérias, como enfatiza Steigenberg (2007, p.05). “Os filhos ficaram desobedientes, não respeitando seus pais e professores, muitas vezes deixando de estudar, não querendo assumir compromissos profissionais, tornando-se rebeldes e por via de consequência, alvo fácil de grupos desviantes”.

Os pais se sentem inseguros e não correspondidos ao definir limites e regras. Freire (2000, p.29), destaca essa preocupação, quando afirma que a

[...] mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a “tirania da liberdade” em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam visitas em face de autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade.

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família relacionam-se com a fragilidade e perda do sentido da tradição de viver em família. Assim sendo, a família faz parte de um grupo social que não é concreto. Com base nisto, Gomes et al. (2011, p.101), afirma que, essa “[...] crise na família contemporânea é decorrente das transformações familiares dos surgimentos de novas famílias com outros acervos de constituição na qual ao se falar em crise se atende a questão ostentada de papéis familiares”. A família reflete o sentimento de se estar vivendo em um mundo incerto, incontrollável e assustador, algo diferenciado da segurança projetada em torno de uma vida social estável. Vive-se, com isso, a lógica da satisfação instantânea e a cultura da sociedade de consumo desenfreado, do individualismo, do esquecimento e da inquietação. Essas mudanças de comportamento e de regras construídas e reproduzidas através das relações sociais afeta a relação entre pais e filhos e acarreta em mudanças na relação família, escola e estudante.

Família e escola frente a frente

Quando se fala sobre a relação família-escola se pensa nas duas maiores instituições sociais da sociedade moderna e deste modo é preciso levar em conta que ambas vêm passando pelo mesmo processo de transformação e sofrem com os impactos que as mudanças sociais causam nos filhos/alunos.

De fato, os fatores de mudança da sociedade que implicam na nova dinâmica da família também dizem respeito à escola. As mudanças pelas quais a sociedade passa em decorrência da grande produção de informações, dos avanços tecnológicos e nas redes de relacionamentos repercutem na família e na escola, como lembra Targino (2014, p.18).

A globalização tem um efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. As forças globais pluralizam as identidades rígidas, fixas, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificações, tornando as identidades diversas, pluralizadas. Essas misturas culturais são cada vez mais comuns num mundo globalizado afetando as instituições como a família e a escola.

Portanto, se as diferentes configurações na estrutura familiar trouxeram grandes mudanças, desde seu conceito, formação e educação dos filhos, faz-se necessário voltar a atenção agora para a escola que, apesar de também sofrer com as mudanças, continua exercendo a função de transmitir conhecimentos científicos, mas que, por sua vez, também trouxe a perda do real sentido e do dever da escola de humanizar.

Os pais no intuito de serem escudos para seus filhos em relação às mudanças estão oferecendo proteção excessiva, no lugar de fortalecer suas capacidades para enfrentamentos futuros, viverem em sociedade. A família está sem rumos e acaba achando que a escola é que tem que educar seus filhos. Os pais são os responsáveis pela educação mais ampla e a escola atua na formação de habilidades e competências mais específicas, como refere Dessen et al. (2007, p. 29). “A família não é o único contexto em que a criança tem oportunidade de experimentar e ampliar seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento. A escola também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo”. Percebe-se que possuem papéis distintos, mas que se complementam e são essências para o desenvolvimento do ser humano. A escola amplia e consolida o que a família legou à criança.

Assim, à escola cabe ampliar as ações que se iniciaram na família, e em parceria compartilhar aprendizagem. [...] que se desenvolva um trabalho envolvendo a escola e família numa relação recíproca, pois a influência dos dois meios é de fundamental importância para a formação de sujeitos (ALMEIDA et al., 2014, p.25).

No tocante às atribuições da família e da escola na educação das crianças, a quem cabe o direito e a responsabilidade de educar, a Constituição Federal de 1988 no seu Art. 205, destaca a parceria entre a família e a escola, ao estabelecer que a “[...] educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96, no seu Art. 2º, reafirma este preceito constitucional quando estabelece a educação como dever da família e do Estado. (BRASIL, 1996). Seguindo no âmbito dos aspectos legais, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), fortalece a ideia da parceria entre a escola e a família, bem como na define seus papéis específicos, quando preconiza em seu Art. 4º que é

[...] dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1996).

As duas instituições têm como função preparar os filhos/alunos para viver em sociedade, mas diante do contexto cotidiano acabam por misturarem os papéis que cada uma deve assumir na educação dos mesmos. Variani et al. (2010), acrescenta que “[...] as

transformações ocorridas na família e na escola camuflaram as atribuições específicas de cada uma delas”.

Os pais identificam a escola como uma instituição que transmite saberes com um propósito definido: habilitar seus filhos para uma vida de sucesso. As famílias não levam em consideração que a escola é uma instituição formadora por excelência e que a sólida formação da criança a prepara para a vida de forma ampla e não somente para o mundo do trabalho ou das obrigações econômicas.

Segundo, Nascimento (2011), é no século XX que o envolvimento dos homens e das mulheres com o trabalho fez com que as responsabilidades com a educação dos filhos fossem divididas com a escola. Ao longo do tempo, a instituição familiar passou por várias transições, que trouxeram perdas de referências e a escola, por sua vez, passou a ter uma maior importância educacional^{iv}.

Nota-se que a escola passa a ser concebida como o passaporte simbólico de formação de personalidade e para o mundo do trabalho. É a sustentação de toda uma vida, pois é a referência mais permanente no meio da turbulência do mundo líquido. É com este enfoque, que Targino (2014, p.23), menciona que isto tudo

[...] revela-nos, uma forma óbvia, mesmo que pouco compreendida, que não é por acaso que os pais transformaram a escola em uma rede de serviços que são cobrados. Ou seja, um dos motivos dessa guerra é que os pais sabem da seletividade social e querem uma instituição de ensino que atenda às suas metas: garantir sucesso para os filhos, seja na continuidade de estudos, seja na conquista de um trabalho.

É neste contexto que a família divide agora o seu tempo entre trabalho e cuidado, educação dos filhos. E a escola passa a ser vista como a instituição que tem o dever de suprir as necessidades que antes eram da família, pois os pais passam a maior parte de seu tempo voltados ao trabalho. Tempo este de fragmentação, de incertezas e papéis não definidos que Hall (2006) identifica: “A família também passa por esse processo, e em crise não sabe mais se devem se dedicar aos filhos, acompanhando-os ou lutando pela sobrevivência da família, mesmo tendo que ficar longe dela”.

As ações da família e da escola começam a se distanciar. A família cobra cada vez mais que a escola exerça a função que ela mesma deveria executar, e a escola, por sua vez se frustra cada vez mais com demandas que fogem à sua capacidade de realização. Hall (2006) define muito bem este cenário e escreve que nesse “[...] dilema, a escola que tem a tarefa de socializar e educar o aluno (mas não sozinha) acaba também por se perder nos caminhos tortuosos da contemporaneidade”. O retrato apresentado revela um dos

sintomas da (des)tradicionalização que a modernidade trouxe, a inversão de papéis, sobre o qual Kuhn (2011, p. 49) esclarece que a

[...] modernidade tardia alterou radicalmente a forma de socialização das novas gerações, que chegam à sociedade. Se antes era uma tarefa da família socializar (socialização primária), hoje, em função das mudanças na sociedade e no mundo do trabalho, esta tarefa foi em grande medida repassada à escola.

A este respeito Okada (2014), corrobora descrevendo que um dos possíveis fatores que estariam prejudicando a relação família e escola seria o fato de a escola atribuir o fracasso escolar do aluno exclusivamente ao contexto familiar, como se as dificuldades presentes no meio familiar fossem o único motivo das dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelas crianças. Outro fator destacado pela autora é a falta de interesse dos pais em envolverem-se nas atividades escolares dos filhos, pouco se interessando com o processo de aprendizagem de seus filhos.

Escola e família estranham-se, desvalorizam-se mutuamente, efetuam um acordo silencioso que se reflete na apatia da relação, joga-joga da educação que resulta no fracasso escolar. Esta condição é muito bem apreendida por Patias et al. (2011, p. 06) ao demonstrar que a

[...] dificuldade de diálogo entre a escola e a família eram evidentes, havendo ainda uma desvalorização mútua entre as instituições que atribuíam motivo do fracasso escolar das crianças uma a outra, ignorando o fato de que são corresponsáveis pela aprendizagem dos alunos e pela relação que estabelecem uma com a outra.

No ano de 2002, o Ministério da Educação e Cultura do Brasil instituiu o “Dia da Família na Escola”, numa tentativa de fazer com que a família se envolva e se interesse de forma contínua e consciente com o dia-a-dia da educação de seus filhos, assumindo atribuições e responsabilidades que lhe são próprias. Nascimento (2011, p. 11) defende a presença da família na escola apoiando-a.

Para a formação plena do indivíduo, é importante que a família e a escola estejam juntas nesta tarefa árdua de educar o cidadão para o futuro, promovendo a autoconfiança, um ser crítico, sua socialização e o respeito mútuo dentro da sociedade em que vive, buscando a formação plena do indivíduo em todas as suas potencialidades, para isso é importante: escola e família intrinsecamente interligadas neste contexto (NASCIMENTO, 2011, p.11).

A família precisa acompanhar a criança na escola e a escola deve também estar ciente dos valores vividos no meio familiar. A aprendizagem também ocorre por meio do contato da criança com o meio social, que por sua vez apresenta a tônica da mudança. O processo de aprendizagem não começa na escola e nem se encerra nela, não está restrito a ela, acontece dia após dia não se resumindo à aquisição de saberes escolares, é um processo extenso quanto a vida que abrange diversos fatores, sendo um deles a relação família-escola.

Atualmente muito se tem discutido sobre as mudanças ocorridas no âmbito escolar. À medida que a sociedade foi se transformando, foram se alterando também as realidades ligadas a educação na escola. Compreender todo esse processo torna-se cada dia mais difícil, considerando a velocidade em que as mudanças se apresentam, porém necessário (TEIXEIRA, 2011, p. 02).

A este propósito Kuhn (2011), complementa, pois ao falar em crise da sociedade, da cultura, das identidades e, sobretudo, na educação, indaga acerca do fato de não sabermos que finalidade ela deve cumprir e para onde deve efetivamente orientar suas ações.

O que se constata é que há numa lacuna no que diz respeito à sintonia família-escola. Esta influencia diretamente no ambiente e nas condições que o aluno vive na escola, visto que, em muitas vezes, este se sente excluído do processo. Submersas nesses desencontros e (re)estruturações família e escola configuram-se e transformam-se de acordo com o modelo social vigente, perdem suas tradições e referenciais e espezinham-se mutuamente sem antes se perguntar sobre as atribuições e encargos que cabe a cada uma. Em meio a estas turbulências está o aluno, na verdade o mais prejudicado.

É neste contexto nebuloso e sem referenciais que se encontra o filho/aluno, carente de limites, de amor e atenção. Vargas (2011, p. 02), explica que tal

[...] contexto parece aprisionar o homem por todos os lados, mesmo nos espaços em que a educação atua, pois ela também se modifica na medida em que se criam novas políticas, novos modelos, novas formas etc. o que talvez ocorra em virtude dos próprios variados métodos de ensino já existentes.

Desta forma, o que se pode evidenciar é que a escola passa por uma redefinição de sentido e de identidade. Muitos alunos não sabem porque vão a ela, há falta de razões para estudar, como consequência resulta a evasão, reprovação e violência que fragilizam a relação professor-aluno ainda mais, tornando-a conflitante e difícil de ser contornada. Casos como esses levam Vargas (2011) a inferir que “[...] tal variedade, por vezes,

transmite sensações de insegurança aos docentes, que necessitam constantemente de preparo e atualizações na sua formação continuada”.

A sociedade líquida de Bauman (2001) repercute em cada vida em cada perfil de estudante. Aumenta cada vez mais a preocupação como processo educativo das crianças e jovens e de como conduzi-lo. Ferreira et al. (2010, p.165) identifica um quadro no qual a

[...] docência é desafiadora em todos os sentidos. Como se já não bastasse a rotina da própria profissão, os eventuais problemas com alunos e pais, enfim, os desafios do dia-a-dia da profissão docente, ainda há uma crise na educação nunca antes vista e, sobretudo, sem ponto de partida e de chegada, ou seja, a escola se encontra num estado de extrema desorientação

Professores estão inseguros perante a heterogeneidade dos estudantes e de sua diversidade cultural, sem contar a dificuldade de encontrar a metodologia e o jeito mais adequado para “seduzir” os estudantes a aprenderem. As escolas precisam atender a essas mudanças, pois os alunos que chegam a elas vivem este mundo novo, tecnológico e precisam encontrar na escola a conexão, o elo de sintonia, o sentido que os torna protagonistas e construtores de seus próprios conhecimentos.

A educação líquida pode ser definida como aquela típica deste período de sociedade de consumo, posicionando-se de modo resistente, ou não, às novas qualidades e imposições trazidas pela modernidade líquida à sociedade contemporânea como, por exemplo, a ligação dos sistemas educacionais com as exigências econômicas de construção do mercado (CABREIRA, 2013, p.907).

Sendo assim, as escolas têm pela frente desafios e oportunidades. Os desafios estão em construir uma proposta pedagógica que contemple as inovações tecnológicas, promova a interatividade dos alunos e a oportunidade de deixar para trás um modelo de ensino que não corresponde ao século 21, como afirma Teixeira (2011, p.03).

Assim, o que se entende é que muitos desafios têm se apresentado à instituição escola, que a cada dia dificultam a esta o cumprimento de sua função social, pois necessita disponibilizar tempo e espaço para adequar-se às transformações da sociedade contemporânea. A escola tem proporcionado uma educação formal, atendendo ao desejo capitalista de preparar o cidadão para o mercado de trabalho. É um complemento à educação que se recebe da família.

Bauman (2007) descreve a educação como sendo a esperança, como uma alavanca com força suficiente para desestabilizar e finalmente desalojar as pressões dos “fatos sociais”. A educação é uma fatia do modo de vida dos grupos sociais para que estes

possam vivenciar seus costumes, trocas, segredos da arte e da religião e dos códigos sociais de conduta estabelecidos pelo grupo.

De acordo com Brandão (2007), não existe uma educação e sim educações, pois ela se manifesta de diferentes formas nos diferentes ambientes, família, escola, rua ou instituição religiosa. É através do aprender que o sujeito se constrói. Segundo Brandão (2007, p. 11) “[...] a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolo, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é sua força”. A escola e a sociedade constituem o universo da criança no qual a educação se manifesta de diversos modos, mas é na escola, que estes filhos/alunos se desenvolvem e encontram saberes, estratégias, vivências, artimanhas intelectuais, preparo emocional que nenhum outro espaço social lhes dá. É por isso que mesmo diante de tantas mudanças ela se reconfigura, transmuta, metamorfoseia, mas continua a existir, pois sem ela inúmeras oportunidades sociais deixariam de existir.

Considerações finais

A partir da análise realizada acerca das constantes mudanças sociais e a influência destas na relação família e escola e, conseqüentemente, no processo de ensino-aprendizagem dos alunos/filhos, percebe-se que a relação hoje estabelecida entre ambas reflete justamente as inúmeras transformações ocorridas no contexto da sociedade.

A sociedade atual passou por diversas mudanças, autores nomeiam-na de diversas formas como já citado anteriormente, porém, percebe-se que a mesma hoje é frágil é líquida, alterando-se momentaneamente. Sendo assim, a família passa a agir, viver e educar sobre bases voláteis e narcísicas, estabelecendo relações frágeis e momentâneas, onde sua estrutura pode mudar a qualquer hora, onde se vive o gozo momentâneo e não mais o futuro concreto e, passa a ver a escola dessa mesma forma. Eis que ocorre o conflito: de quem é o dever de educar, de como educar e para quê educar?

A educação passa, portanto, por uma crise de papéis, tendo dificuldades no relacionamento com alunos, famílias e até mesmo perdendo-se no modo de educar em relação aos padrões que almeja. Neste sentido, a reflexão realizada permite perceber o quanto as mudanças impulsionam e influenciam os indivíduos, que modificam as relações sociais e que, conseqüentemente, modificam as estruturas familiares e também o contexto

da escola, ou seja, influencia diretamente no processo de ensino-aprendizagem do estudante.

Pode-se assim concluir que existem papéis diferentes para família e escola quanto se trata de educar, mas a sintonia entre ambas é almejada e se faz necessária justamente pelo fato de que seus papéis se cruzam e interligam, pois uma complementa o trabalho da outra. Sociedade, família e escola são três espaços que influenciam na vida do ser humano e que possuem vínculos estreitos entre si, as transformações de uma repercutem nas outras. É impossível pensar no processo educativo sem levar em consideração esses elementos. Desta forma, pode-se constatar que as mudanças na sociedade interferem e modificam o papel da família, da escola, a relação entre ambas e repercutem principalmente no processo de ensino e aprendizagem de quem delas precisa para crescer como ser humano e como sujeito social.

Referências

ALMEIDA, Adriane Catarina; ARANTES, Almir. A relação família e escola: pressupostos para o processo ensino aprendizagem. *Revista Eventos Pedagógicos*. Mato Grosso, v. 5, n.2, Jun./Jul., 2014.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernidade Reflexiva*. São Paulo: Paulinas, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

_____. *Constituição (1988)*. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1988.

_____. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CABREIRA, Luiz Antonio Sobreiro. *Educação Líquida: tecnologia e educação no século XXI*. Presidente Prudente: UNOESTE, 2013.

COSTA, Livia Fialho. *Notas sobre formas contemporânea de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FERREIRA, Amanda de Oliveira. SOUZA, Maycon Jefferson José. *A redefinição do papel da escolar e do professor na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Vértices, 2010.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

GIDDENS, Anthony et al. *Modernidade Reflexiva*. São Paulo: Paulinas, 1997.

GOMES, Camila Pacheco; SILVA, Priscila Alves; PESSINI, Maria Adelaide. *A nova configuração familiar: a família contemporânea usuária das políticas públicas*. Akropolis, Umuarama. v.19, n.2, abr./jun., 2011. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/3962> > Acesso em: 14. Mar.2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KUHN, Martin. *Desreferencialização: educação e Escola na Modernidade Líquida*. Ijuí: UNIJUI, 2011.

LINO, Michelle Villaça. A contemporaneidade e seus impactos nas relações familiares. *Revistas IGT*. Rio de Janeiro, v.6, n.10, 2009.

MUHL, Eldon H. *Desafios da educação contemporânea: da individuação emancipatória e da individualização compulsória*. Passo Fundo: UPF, 2014 (*mimeo*).

NASCIMENTO, Ana Paula. *A relação família-escola e a otimização do processo de aprendizagem*. Rio de Janeiro: UVA, 2011.

OKADA, Suzane Emiko. *A relação família-escola e sua influência sobre o desenvolvimento e aprendizagem de crianças e adolescentes*. Maringá, 2014. Disponível em: <<http://www.dfe.uem.br/TCC-2014/SUZANA-EMIKO-OKADA.pdf>> Acesso em: 12. Março. 2015

PAROLIN, Isabel. *Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem*. Curitiba: Positivo, 2005.

PATIAS, Naiana; ABAID, Josiane; GABRIEL, Marília. *Concepções de família na escola*. Psicopedagogia Online, 2011. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1390#.VCQZ6PldUSM> Acesso em: 24. Abril. 2015

PETRINI, João Carlos; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. *Família na contemporaneidade: uma análise conceitual*. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2012.

ROSSATO, Ricardo; HENZ, Celso Ilgo. *Educação humanizadora na sociedade globalizada*. Santa Maria: Biblos, 2007.

SANTANA, Márcia Cristina; NOVAES, MaryanneFerreira; SILVA, Paula Andrade. *Família: uma discussão na perspectiva crítica*. São Paulo: Intertemas, 2010.

STEIGENBERG, Josmary Firmino de Souza. *Interação Família-Escola: saberes necessários para a construção de relações transformadoras*. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_josmary_firmino_souza_steigenberg.pdf> Acesso em: 28. Fev. 2015. Rio de Janeiro, 2007.

VARGAS, Cláudio Pellini. *Educação Líquida? Relato de uma experiência com método EAD numa leitura com Z. Bauman*. Rio de Janeiro: UFJF, 2011.

VARIANI, Adriana; SILVA, Daiane Cristina. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.91, n. 229, Set./Dez., 2010.

TARGINO, Isabel da Silva Gomes. *A família pós-moderna e suas contribuições para o Ensino Fundamental na Escola Municipal Professora Emília de Oliveira Neves em Bananeiras /PB*. Guarabira: UEPB, 2014.

TEIXEIRA, Geiliane Aparecida Salles. *Família e Escola: Considerações sobre o papel social dessas instituições na sociedade contemporânea*. Minas Gerais: UFGD, 2011.
TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Submetido em 11/08/2015, aprovado em 17/10/2016.

ⁱDe acordo com o dicionário online de Português, sociedade significa reunião de homens e/ou animais que vivem em grupos organizados; corpo social. Conjunto de membros de uma coletividade subordinados às mesmas leis ou preceitos. Neste artigo adotamos a conceituação de grupo de convívio dos seres humanos com suas regras e normas na qual nos inserimos.

ⁱⁱ Não vamos fazer a opção por uma ou outra denominação, mas utilizaremos ao longo do texto, as diferentes denominações para caracterizar a sociedade do presente, respeitando o que cada autor preceitua sobre as mesmas.

ⁱⁱⁱPor paradigmas entendemos a forma como vemos o mundo, ou como afirma Kuhn (1978), toda ciência repousa sobre um conjunto de teorias e pressupostos conceituais, metodológicos e metafísicos, que se incorporam dentro de um todo, que lhe serve de modelo ou padrão, chamado paradigma e que nos orientam na forma de ver a realidade. (KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978).

^{iv}Vários são os fatores que contribuíram para a descentralização do papel da família e sua designação para a escola, sendo um deles a entrada da figura feminina no mercado de trabalho que fez com que a criança que antes passava toda sua infância ao lado da família, entrasse em creches ou escolas muito cedo. Tudo isso fez com que a instituição escolar tivesse um papel muito importante na vida das crianças, muito maior do que a função cognitiva, pois agora a família repassava os seus deveres em relação a educação para uma demanda a escola, e essa passou a ensinar valores, o que antes era papel apenas da família.